contrário, permaneceremos neste estado de atraso agravado pelas ideologias das classes dominantes que permeiam as práticas sociais e educacionais - mesmo que implicitamente - por meio de preconceitos, racismos, discriminações, paradigmas...

Para reverter esse contexto, faz-se necessário que os atores da escola e os envolvidos com ela consolidem ações concretas que visem às modificações desta situação caótica em que se encontra a educação, uma vez que a esta cabem duas possibilidades: reproduzir a identidade social ou provocar ruptura na detenção do poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARELARO, L. R. G. O ensino fundamental no Brasil: avanços, perplexidades e tendências. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 92, out. 2005 . Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a15 Acesso em: 26 mar. 2020.

CAGLIARI, L. C O príncipe que virou sapo. In: PATTO, M. H. S. Introdução à psicologia escolar São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.

MAZZEU, F. J. C. Uma proposta metodológica para a formação continuada de professores na perspectiva histórico-social. Campinas: Cad. CEDES, v19, n44. Abr.1998.

MORTATTI, M. R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: _____. Alfabetização e letramento em debate. Brasília: Portal MEC, 2006. v. 1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihistt extalfbbr.pdf. Acesso em: 23 mar 2020.

PATTO, M. H. S. "Escolas cheias, cadeias vazias" nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. Estud. av., São Paulo, v. 21, n. 61, dez. 2007 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext& pid=S010340142007000300016&lng=pt&tlng=pt Acesso em 26 mar 2020.

PINTO, A. V. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo: Cortez, 2007.

SAWAYA, S. M. A infância na pobreza urbana: Linguagem oral e a escrita da história pelas crianças. Psicol. USP. São Paulo, v. 12, n. 1, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000100008&script=sci_abstract &tlng=pt Acesso em 24 mar 2020.

SAWAYA, S. M. Novas perspectivas sobre o sucesso e o fracasso escolar. In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (Orgs). Psicologia e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002, p.197-213.

SEVERINO, A. J. Identidade e tarefas da filosofia da educação. In Educação, sujeito e história, São Paulo: Olho D'água, 2001.

A CULTURA DA INFÂNCIA: VALORIZAÇÃO E OLHAR ATENTO ÀS CRIANÇAS EM SUAS EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MILENE CAROLINE DOS SANTOS CARVALHO

RESUMO

O presente artigo retrata sobre a

cultura da infância e sua importância na vida das crianças em valorizá-las, compreendê-las como singulares, ativas, potentes, criativas e que possuem direitos, sendo que, é dever dos profissionais de Educação Infantil ter um olhar atento e escuta eficaz, para que essas crianças vivenciem suas experiências de maneira significativa ao seu desenvolvimento integral. Respeitar as crianças vai muito além de uma simples palavra, deve ser uma ação verídica na Educação Infantil, para que elas se relacionem e interajam, colocando em prática a cultura da infância, ressaltando a criança em sua inteireza e a relação entre os pares.

Palavras-chave: crianças; observação; cultura; infância; potencialidades.

1. INTRODUÇÃO

Por meio do tema escolhido: "A cultura da infância: valorização e olhar atento às crianças em suas experiências na Educação Infantil" retrata sobre uma educação significativa e capaz de valorizar as crianças e seu desenvolvimento de maneira integral, ressaltando sobre a importância de levar em consideração que a criança é um ser potente, criativo, que produz cultura e ativo em seu próprio conhecimento. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), remete a pensar sobre a criança: sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

DESENVOLVIMENTO

2. A OBSERVAÇÃO E O OLHAR ATENTO ÀS CRIANÇAS

Notamos a necessidade de ter o olhar atento às crianças, onde elas podem se desenvolver integralmente, por meio das suas experiências e ações cotidianas, dessa maneira, este olhar atento torna-se imprescindível e potencializador, sendo que, Irwin e Bushnell (1984,p.29) relatam:

> O estudo do ser humano é uma arte e uma ciência. Requer a habilidade de olhar objetiva e criativamente para um sujeito, aliada à necessidade de tratar os resultados dessa observação com precisão e imaginação [...] Com essa combinação entre visão e percepção, o observador-artista-cientista pode começar a entender a conduta humana e os fatores que lhe dão forma.

O olhar às crianças torna-se então uma habilidade com precisão, imaginação e entendimento de como eles se relacionam com tudo que está ao seu redor. A observação é um processo prazeroso e abrangente. Quantas vezes, porém, olhamos sem ver, ouvimos sem escutar; porque, para ver e escutar sem contaminações, é necessária uma paciente passividade e abertura, uma consciente atenção, "o ruído não apenas ensurdece, como também emudece as perguntas que surgem do assombro diante da observação da realidade" (L' ECUYER 2012,p.117).

Para que o ato de observar aconteça de forma significativa são necessárias atitudes eficazes com reflexões e atenção, Arheim (2002) refere-se a um processo intelectual sensível, que nos permite despertar diante de um fenômeno que

não percebemos anteriormente. Disponibilizar-se por inteiro é uma tarefa a ser executada, Max van Manen (1998) fala em exercitar o tato do olhar, entendendo-o como sutileza, sensibilidade e respeito para revelar e descobrir o oculto:[...] para ter tato com outra pessoa, o indivíduo deve ser capaz de "ouvir", "sentir", respeitar a essência ou a singularidade desta pessoa. Dessa forma, esvaziar-se e libertar-se de preconceitos, para que floresça um espaço mais livre e eficaz para escutar as crianças, com mais atenção no que é observado, de acordo com Cabanellas (2007, p.99):

Aceitamos como princípio que a criança, em termos de conhecimento, é inalvançável, que existe um intervalo entre ela e nós, e que esse intervalo é nossa própria maneira de "ver". Sabemos que o observador muda o ser que observa e que não existe uma separação real entre pesquisador e objeto pesquisado.

A observação como intenção nos remete a nossa formação, a cultura e as nossas intenções das visões de criança que construímos, dessa forma, nossas intenções devem ser potencializadas em nosso olhar e atenção, orientados sob uma intencionalidade real, observando para conhecer melhor, gerando novas idéias e transformando a realidade. Como relata Malaguzzi, citado por Hoyuelos (2004,p.131):

Falamos e lemos muito sobre crianças, mas falamos pouco com elas, e observamos muito menos. "A escuta ativa nos leva a compreender como as crianças pensam, desejam, fazem teorias ou nos introduzem em seus caminhos emocionais [...] é uma condição para não destruir a cultura infantil, e sim respeitá-la.

"As crianças devem ser observadas sem julgações. Aceitar a observação como uma interpretação entre todas as interpretações possíveis significa deixar de realizar julgamentos classificatórios inúteis" (HOYUELOS, 2004,p. 143). Como relata também:

Observar para Malaguzzi, significa respeitar e escutar a criança de forma atenta, amorosa, diz ele, sem cair na armadilha de realizar uma análise que procure confinar a criança em tabelas, estágios, níveis pré-fixados do desenvolvimento. (HOYUELOS, 2004, p.144).

Dessa forma, é necessário reconhecer a singularidade de cada criança, reconhecendo-a como sujeito único em seus espaços de relações, interações e experiências, sem rotular e compará-las com o outro, sabendo que cada um carrega consigo, o seu tempo e ritmo, afim de que, ele sinta-se completamente a vontade para vivências suas ações de maneira significativa ao seu pleno desenvolvimento.

Bondioli e Savio (1994) se referem a "promover desde dentro" quando o educador, apenas se foi capaz de observar adequadamente, os direitos e os interesses das crianças. Sendo que Irwin e Bushnell (1985, p.15-16):

Uma vez que praticamos para ser observadores perspicazes, podemos focar nossa atenção em nos tornar intérpretes habilidosos do que observamos. O que vemos e o que pensamos sobre o que vemos propõem perguntas à nossa mente sobre que ação adotar. Identificar, registrar, levantar hipóteses, perguntar, orientar, teorizar, mudar, são todas elas partes

do ciclo de descobertas que cada observador segue.

3. APRECIAÇÃO À CULTURA DA INFÂNCIA: POTENCIALIDADES E BRINCADEIRAS

Podemos destacar a importância de reconhecer a cultura da infância na vida das crianças, sabendo analisar também as potencialidades e possibilidades de brincadeiras, interações, experiências e momentos vivenciados por eles. O fato de que o homem seja capaz de ação significa que cabe esperar dele o inesperado, que é capaz de realizar o que é infinitamente improvável (Hannah Arendt). Dessa forma, é necessária uma prática diferenciada e uma maneira eficaz de enxergar a

"infância", sendo as crianças capazes de realizar e fazer acontecer, aquilo que poderia ser improvável aos nossos olhares, digerindo e dialogando sobre ações e relações pertinentes que estabelecemos com eles, seja nas palavras em que dizemos, no tom de voz, nos pensamentos e na forma de nos aproximarmos. Falar de infância é algo complexo, com inúmeras possibilidades, pois as crianças estão em constantes mudanças, em cada momento histórico e cada vez que elas se relacionam em suas interações. Para Malaguzzi (1992), cada criança que nasce é um desafio, um ponto de interrogação. É uma espécie de aventureiro, que pode escolher mil caminhos imprevisíveis. Contém, em seu interior, a possibilidade dos possíveis, de ser diferente de como a conhecemos. Essa é sua liberdade e sua responsabilidade, que o ofício de crescer lhe impõe. Há a presença da ética, estética e poética maneira de se ver o mundo e construir sua infância e suas inúmeras possibilidades de fazer infância, no qual, muitas vezes, roubamo-nos suas capacidades de enxergar e maravilhar-se. Loris Malaguzzi, relata com firmeza a forma cultural, única e particular de fazer infância e considerar as potencialidades das crianças:

Vamos nos ajudar com um exemplo de poesia Zen. Há um verso que fala de árvore. Leio para vocês: "As árvores mostram a forma corpórea dos ventos". Esse é um pensamento fascinante. Nunca teria saído um pensamento como esse no Ocidente, porque o pensamento ocidental está convencido, equivocadamente, de que o pensamento é, quase exclusivamente, lógico-matemático. A nenhum de nós ocorrera procurar uma forma para o vento. Interessa-nos se o vento é forte, quente ou frio. Agora, porém, propomos outra imagem: O vento pode ter forma? O orientais acham incrível essa metáfora. Quando vemos, desde a margem, que a superfície do mar se levanta e inclina a água, talvez apenas medimos a força do vento, mas não percebemos que essa é a forma que o vento tem. É certo que o vento tem corpo, mas isso não interessa a ninguém. O vento é algo que pode nos inquietar, do qual podemos gostar ou que pode nos descabelar. Contudo, devemos saber que o vento tem corpo, uma vida. Todavia, a quem isso interessa? A lógica não nos levaria a essa ideia. É preciso uma metáfora, outra lógica, menos valorizada e apreciada na educação [...]. É uma criação de criança, e a criatividade é um recurso que a criança tem. Isso quer dizer que nós, quando conhecemos, não assumimos as formas e os significados que nos chegam do exterior. Não somos reprodutores de algo imposto

de fora. E assim, chegamos a defender a axioma de que cada criança é um personagem criativo. Não há nenhuma imagem externa que possa associar a árvore à voz do vento. Não é uma identidade externa [...]. Temos que ajudar as crianças a construir imagens e palavras que não estão no dicionário. Devemos saber que o dicionário é apenas uma centésima parte de uma realidade mais complexa. O que acontece é que as coisas que não se encontram no dicionário, dificilmente são apreciadas na escola, porque não são quantificáveis como valor. (Extraído de Hoyuelos, 2004a, p.312-314).

Podemos relatar também, sobre a importância das brincadeiras, do imaginário e ludicidade para com as crianças, em suas experiências, onde muitas vezes, sua valorização no contexto educativo não acontece na prática, como algo superficial para a vida das nossas crianças. Dessa maneira, concordamos com o pensamento de Ramos:

Brincar é uma atividade fascinante [...]. Quando é observada nos seres humanos, tal atividade comove, emociona, intriga e diverte, seja pelo mistério que sugere, dada a aparência cifrada que tem, seja pelas lembranças da infância que suscita no observador ou pela surpresa que provoca, fazendo rir. Contudo, esse mesmo fascínio é, em parte, responsável pelo menosprezo que acompanha o ato de brincar, pois brincar é, frequentemente, romantizado, idealizado e estereotipado, impedindo uma compreensão precisa e crítica de suas características e motivações. Assim, a brincadeira acaba sendo motivo para ironia, ridicularização e desprezo aberto não apenas dela em si mesma, como também de quem brinca. Exige-se seriedade da brincadeira e de quem participa dela. Acusase a quem brinca de "não ter mais nada que fazer", identificando a brincadeira como algo não essencial e com o fato de se estar ocioso. Por sua vez, o que pode situar a brincadeira em seu devido lugar na vida não é o olhar científico, livre de paixões, pois o ato de brincar não se submete, é uma própria razão de sua fascinação. O tratamento meramente técnico dado ao assunto se encarregaria de anular a própria motivação para estudá-lo. (RAMOS, 2004, p.162163).

Dessa maneira, é necessário ter um compromisso firmado com ética para realizar as ideias e propostas da cultura da infância, fazendo com que prevaleça o imaginário, a diversa forma de brincadeiras, as formas de ver o mundo ao redor, de amar, experimentar, viver experiências e sentir, somente desta forma, irá fazer valer os direitos das crianças, onde elas possam ser ativas, capazes e protagonistas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com o presente artigo, como uma forma de repensar a prática educativa diária, sendo de extrema importância considerar a criança como: sujeito que constrói seu conhecimento, como uma forma prazerosa de conhecer o mundo, no qual, há necessidade de ser respeitado. Relatamos com firmeza e/ou clareza sobre como olhar essas crianças, como obter uma escuta ativa, mediante há inúmeras possibilidades, experiências e ações que elas nos apresentam diariamente. "A escuta ativa nos leva a com-